

JOYCE, SETE E ½ (SETE MINUTOS E MEIO DE JAMES JOYCE)¹

Miriam A. Nogueira Lima²

... Usarei como armas o silêncio, o exílio e a sutileza.

(Stephen/Joyce).

Uma interessante crônica de Luiz Fernando Veríssimo escrita para o Jornal *O Globo* e intitulada “Craca Literária” diz que certas obras literárias são como velhos navios: “críticas e exegeses grudam no seu casco como uma crosta e o navio e a crosta passam a ser uma coisa só. Com o tempo a crosta quase dispensa o navio”.

Com respeito a James Joyce, Veríssimo empregou a expressão “craca literária”, aproveitando-se do sobrenome Barnacle (que quer dizer craca, em inglês) da mulher de Joyce porque ela não se afastaria dele jamais, conforme foi alertado pelo próprio pai de Joyce ao afirmar certa vez que o nome de sua nora era uma premonição.

O fato é que Joyce estava destinado a ter um séquito de devotos por um sem número de razões. De minha parte, escolho e recorto algumas que me capturam.

Alguém que costumava dançar sozinho, tarde da noite, uma dança “desarticulada”. Alguém que interrogando Frank Budgen, sensível conhecedor de literatura, sobre qual seria o personagem mais completo ao obter como resposta sugestões de nomes como Fausto e Hamlet, discordou de saída dizendo que o primeiro não era sequer um homem: “o que se sabia de seu lar, sua família, se era velho ou jovem”, muito menos um homem completo porque nunca estava sozinho, Mefistófeles está sempre ao lado dele. Quanto ao segundo, afirmou tratar-se de um ser humano sim, mas apenas um filho. Já o personagem Ulisses é filho, pai, marido, amante, companheiro de guerra, e rei.

Se Joyce, baseando-se no Ulisses de Homero foi capaz de idealizar um personagem completo, na medida em que o seu (dele) Ulisses/Leopold Bloom era tudo

¹ Apresentado no Simpósio da Intersecção Psicanalítica do Brasil, em Olinda, 2 a 3 de Setembro de 2005.

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/RJ. E-mail: manglima@gmail.com.

aquilo, pode-se perguntar se apesar disso não teria erradicado a angústia, uma vez constatável que a falta apresentou-se o tempo todo, não somente na sua obra e em sua própria vida, mas também na vida de seu herói predileto. Isto é, fica a questão se não seria por faltar tanto a Poldy (apelido de Bloom) que ele tenha sido um homem completo, o homem completo, aliás, que Joyce desejara criar. (Desde a Psicanálise sabemos que o gozo do homem é marcado pela falta, não pela plenitude).

Quanto à mulher, veja-se a famosa frase citada e recitada por biógrafos e comentadores: “sã cheia amorável fertilizável duvidosa atraente limitada prudente indiferente”. É possível conceber que os personagens de Joyce se fundem: Molly, Stephen e Bloom. Ela representando uma parte, com sua vida sexual desnuda, e Stephen representando a razão, como analisou Hermann Broch.

Tem mais. Gostava de música e de dança, nosso caro Joyce, e queria seus poemas musicados, cantados. Valorizou sempre a voz em sua escrita. Como sublinhou Jacques Aubert, em Joyce mais do que a literatura é a língua que está em questão. Desde a psicanálise, nos traímos quando falamos, ele lembra, e Joyce dá provas de saber disso como ninguém.

Outro ponto que me captura diz respeito à sua particular experiência estética – o que é considerado feio (?) o que é tomado como mal (?), se tudo faz parte integrante da ideia de Universo... Mais uma faceta sublinhada com frequência é a sua capacidade de conciliar o particular com o universal, o que resulta numa mestria da transmissão, como frisa ainda Jacques Aubert, ao afirmar que em sua metodologia para escrever Joyce utilizava-se de restos – restos de conversas, restos de tudo.

A minha experiência de entrar na “viagem” da escrita joyceana me diz que ela é sem volta. Não há como retroceder nesse gosto, verdadeiro gozo da palavra, e não foi à toa que James se inspirou no poeta Homero, cujo nome, se diz, na etimologia, “aquele que tece, agencia, adapta e junta palavras”. Sendo assim, todo poeta é Homero.

Se o leitor ficar preso numa espécie de gozo da leitura, tomara que seja na mesma proporção com que Joyce ficava preso no gozo com a escrita. Sobre o gozo, Lacan veio a trabalhar e explorar, por sua vez, e tem sido ressaltado por muitos o quanto o encontro de Lacan com Joyce trouxe de trabalho para analistas e não analistas. Tal encontro modificou fundamentalmente tanto a apreciação da literatura, por um lado, quanto o escrito da psicanálise por outro. É certo que o seminário 23, *Le sinthome*, foi decisivo na modificação da postura de Lacan. Depois disso, outra psicanálise lacaniana

adveio, com a escrita do *sinthoma* (com h) como suplência à carência constitutiva do sujeito na linguagem, a qual nenhuma função paterna poderia inteiramente suprir.

Joyce sedutor capaz de encantar e tornar devota uma mulher, como encantou as mulheres de sua época, é outro ponto que desperta interesse. Quem é capaz de vestir-se de terno de sarja azul escuro, chapéu de feltro negro, bengala e tênis juvenis, sem falar nos indefectíveis óculos de lentes redondas, transparentes, apoiados em um nariz fino, bem torneado. Óculos que mal escondiam o penetrante/frágil olhar azul – este não é qualquer um! Silvia Beach que o dissesse. Tornou-se sua editora. Também Harriet Shaw Weaver. Esta se tornou sua benfeitora. A própria mulher Nora Barnacle jamais o deixaria. E a mãe, May Joyce, quis o filho perto de si até mesmo em seu leito de morte. É fato que ele tenha preferido ficar no quarto ao lado, lendo as cartas entre pai e mãe trocadas em outros tempos, no passado.

Ocultismo e misticismo estão presentes como experiências relacionadas às suas “epifanias”. Ao mesmo tempo era um fã da ciência. Seu irmão Stanislaw revelara que o termo “ciência” era sempre um elogio em sua boca.

Sem véus, Joyce mostrou tanto suas misérias! Não tinha medo de ser quem era, como nesta passagem escrita à sua Nora: “Como poderia eu gostar da ideia de um lar? Meu lar foi simplesmente um caso de classe média arruinada por hábitos perdulários os quais herdei...”, conforme Richard Ellmann.

A despeito da frase cunhada por ele “quando uma alma nasce neste país lançam redes sobre ela para impedi-la de alçar voo”, ele alçou o seu. “Você me fala de nacionalidade, de língua e de religião: tentarei escapar dessas redes”, dissera.

Defensor do realismo contra o idealismo e o romantismo, pensava que o que faz o homem infeliz é um romantismo frustrado, um ideal irrealizável ou mal concebido. Como declarou ao amigo Arthur Power, o idealismo é a ruína do homem.

E também afirmou, num jeito muito próprio de demonstrar sua crença da vida: “Uma vez que você está morto, está morto”. Resta-nos lembrar que estão bem vivos os seus personagens – basta olharmos em volta para encontrarmos ordinariamente esses heróis. Heróis que de homéricos não têm os grandes feitos, mas, como naqueles, também nestes sobram poesia. A poesia de ninguém menos que James Joyce.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUBERT, Jacques, “Introdução ao Ulisses de James Joyce”. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro, in *A Jornada de Ulisses*, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, ano XX. N. 28

BUDGEN, Frank. “O making of de Ulisses”. Tradução de Paloma Vidal, in *A Jornada de Ulisses*. Op. Cit.

BROCH, Hermann. “A atualidade de James Joyce”. Tradução de Cláudia Cavalcanti, in *Riverrun – Ensaio sobre James Joyce/ Arthur Nestrovski (org.); [et. al], - Rio de Janeiro, Imago, 1992.*

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Tradução de Lya Luft. São Paulo, Ed. Globo, 1989.

JOYCE, James. *Retrato do artista quando jovem*. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro, Ediouro, São Paulo, Publifolha, 1998.

_____ *Ulisses*. Tradução de Antonio Houaiss, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

LACAN, Jacques, *Le Sinthome*. Lição de 11 de maio de 1976.

POWER, Arthur e SOUPAULT, Philippe, “Com Joyce em Paris: Conversas e Lembranças”, Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro, in *A Jornada de Ulisses*, op. cit.